

Campanha da Fraternidade: uma articulação prática de transcendência e humanismo

Denilson Mariano da Silva ¹

Palavras-chave: Campanha da Fraternidade, Transcendência, Humanismo.

Introdução

A Campanha da Fraternidade (CF) é uma prática da Igreja do Brasil que antecede o Concílio Vaticano II, apesar de certo arrefecimento por motivos vários, ela permanece vigente em nossos dias e no decorrer dos anos vem se mostrando um importante elemento de evangelização e de comunhão eclesial. Porém, mais recentemente, tem recebido críticas vorazes do tipo: “Queremos uma quaresma sem Campanha da Fraternidade”. Essas críticas provêm de alguns setores reacionários da Igreja e da sociedade, impulsionados, sobretudo, pelo poder das novas mídias facilmente disseminadas por meio das redes sociais.

O objetivo a que nos propomos aqui é resgatar os eixos norteadores da CF no Brasil, como um caminho de articulação da fé que aponta para a transcendência, através do resgate da dignidade humana e defesa da vida humana e do planeta. Essa articulação se configura como um importante elemento de comunhão eclesial e como eficaz caminho de evangelização.

Seguimos o método indutivo procurando ver a trajetória da CF em suas diferentes fases de articulação, iluminando essa prática com a Palavra de Deus e do Magistério da Igreja buscando pistas que explicitem as contradições dos opositores à CF e coloquem em destaque a necessidade de sua continuidade como caminho de fé que se traduz em atitudes de defesa e preservação da vida, articulando, com propriedade, humanismo e transcendência.

1 Quaresma sem CF

A problemática que aqui nos ocupa surge como reação a um apelo que tem ganhado forças nas redes sociais: “Queremos uma quaresma sem Campanha da Fraternidade”. Esse apelo vem da parte de católicos tradicionalistas, ligados a movimentos reacionários e tem recebido apoio de católicos de grupos da renovação carismática e de grupos de católicos de cunho mais devocionais e cristãos menos

¹ Mestre em Teologia (Doutorando) / FAJE BH – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Apoio CAPES. E-mail: marianosdn@yahoo.com.br

esclarecidos na fé. Apesar de sua linguagem persuasiva e com grande poder de penetração, são atitudes e posturas que se revelam distantes da sadia Tradição da fé cristã, que enfraquecem a comunhão no seio da Igreja e desqualificam uma importante ação evangelizadora da Igreja do Brasil.²

1.1 Origem e fases da CF

A CF nasce dos desdobramentos das intuições eclesiais do Movimento de Natal que visava passar de uma Igreja passiva que recebia donativos para uma Igreja que gerava recursos em prol da fraternidade. A CF nasce com o objetivo de levar a uma tomada de consciência, como um caminho mistagógico de conversão e como um compromisso com o exercício da fraternidade motivado por uma caminhada de fé (cf. PRATES, p. 23). As raízes da CF provém do Plano de Emergência da Igreja do Brasil (1962) que, por meio da CNBB, dava início à Pastoral de Conjunto para uma ação mais colegiada da Igreja. Esse plano leva à aprovação do Plano de Pastoral de Conjunto, em 1965, em Roma, ainda durante a celebração do Concílio Vaticano II. Neste espírito de colocar em prática as orientações do Concílio, a CF nasce como uma mediação para fazer os documentos do Magistério chegarem às comunidades cristãs; como um meio para fazer repercutir esses documentos nos Meios de Comunicação Social, com a finalidade de despertar a consciência das pessoas no tocante à realidade sofrida do povo. Em síntese uma mediação para o exercício da fé comprometida com a transformação social por meio de uma “fraternidade libertadora” (PRATES, 2007). A CF se desdobra em três fases bastantes distintas:

A 1ª fase, de 1964 a 1972. Neste início, a CF manifesta o anseio da Igreja do Brasil em buscar a sua própria identidade. Movida pelas conclusões do Concílio Vaticano II com a designação da Igreja como “Povo de Deus”, em uma movimentação ainda “*ad intra*”, busca a sua renovação eclesial na linha da fé, do culto e do amor na perspectiva apontada pela *Lumen Gentium* (cf. PRATES, 2007, p. 56-58).

² Com facilidade encontra-se na internet e nas redes sociais os vídeos e muitas outras postagens do Professor Emílio da TV online Nossa Senhora de Fátima; do jovem Bernardo Küster; do Pe. Paulo Ricardo e seus seguidores. As postagens, em geral, desprezam a caminhada e orientações da CNBB e mesmo as atitudes e ensinamentos do Papa Francisco. Aqui não nos ocuparemos da demonstração de seus argumentos, em geral, unilaterais, às vezes simplistas, preconceituosas e que visam mais confundir que esclarecer. Para estes, qualquer apelo ao social se reduz a “esquemas marxistas”, a CNBB é vista como “sindicado dos bispos” e alguns veiculam que “a CNBB não me representa”; a CF é tida como “baboseira que nada tem a ver com o Evangelho”... Vamos nos ocupar da articulação entre humanismo e transcendência que ocorre com a prática de cada CF e que se manifesta como importante e coerente fator de evangelização na Igreja do Brasil.

A 2ª fase, de 1973 a 1984. Nesta a Igreja se ocupa da realidade social do povo. Denuncia o pecado social e a promoção da justiça na linha do Concílio Vaticano II e da Conferência Geral do Episcopado Latino americano em Medellín (1968). A Igreja assume uma perspectiva “*ad extra*” na linha da *Gaudium et Spes*. É a Igreja em uma atitude mais libertadora, na busca de salvar e promover “a vida em abundância para todos” (Jo 10,10). “A fé sensibiliza o coração do cristão para a busca da transformação social” (cf. PRATES, 2007, p. 59-62).

A 3ª fase, de 1985 até tempos atuais. A CF se ocupa das situações existenciais do povo brasileiro, buscando uma conscientização diante destas realidades. A fraternidade é tomada como um elemento sócio humanizador da sociedade. Trabalha-se temas como: fome, terra, menor, negro, questões indígenas, água, moradia, tráfico humano, drogas, excluídos, pessoas idosas, saneamento básico, políticas públicas, entre outros (cf. PRATES, 2007, p. 63-68).

As diferentes fases da CF revelam a sua busca de crescimento e maturidade na prática da fé cristã, quer em sua constituição eclesial mais interna, quer na sua ação social no mundo como fermento vivo do Evangelho. Uma má compreensão do sentido da fé cristã pode ser um dos elementos que levam à errônea compreensão da CF e posicionamentos tão arredios à sua prática.

1.2 Uma fé genuinamente cristã

O fato cristão, ou o evento Cristo é marcado pela ação de Deus que entra na nossa história fazendo-se um de nós: “A Palavra se fez carne e habitou entre nós. Vimos a sua glória, glória como a do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade” (Jo 1,14). No mistério da Encarnação se funda a genuinidade da fé cristã. Deus não se faz alheio, nem distante da situação e das realidades humanas, antes vem ao mundo não para condená-lo, mas para o redimir, transformando-o por meio de palavras e ações (cf. DV 2).

Jesus Cristo, o Verbo de Deus, encarnado em nossa história, assume a condição humana e ao anunciar o Reino de Deus, não promete uma salvação apenas futura, transcendente. Ele já a manifesta por suas palavras ações. Por onde passa ele espalha as sementes do Reino recuperando a vida, a saúde, a paz, a fraternidade e a esperança, sobretudo aos mais pobres e sofredores. Jesus desafia a todos a reconhecer a transcendência divina nas relações humanas: “Tudo o que fizerdes ao menor dos meus irmãos é a mim que o fizestes” (Mt 25,40). Em

conseqüência disso, negligenciar a reconhecer essa transcendência no humano é negar o próprio Cristo e esvaziar o sentido da fé cristã.

No Mistério da Encarnação, Deus assume a condição humana sofredora para redimi-la e não apenas naquele momento privilegiado da história. Com sua Ressurreição, com o triunfo sobre a morte, sua presença atravessa todos os tempos, Ele assume a condição humana em toda a sua historicidade, afetando toda a humanidade. Ele se faz presente em todo sofredor. E em cada situação que fere a vida humana e a vida do planeta, há um apelo do Senhor para que haja mais “vida em abundância para todos” (Jo 10,10). No núcleo da fé cristã encontra-se um apelo inerente à defesa e preservação da vida. Descuidar da vida no mundo ou defender uma fé que se ocupe apenas do transcendente em prejuízo da dimensão humana é esvaziá-la de sua densidade mais própria e originária. Com todas as letras, Santo Irineu proclama: “A glória de Deus é o homem vivo” e no contexto de hoje, talvez remodelasse: “a glória de Deus é a humanidade e o planeta vivos”.

Querer uma quaresma sem CF é o mesmo que querer uma quaresma de olhos fechados às realidades humanas, como se na vida de fé importasse apenas a busca do transcendente. Ao revelar-se como humano, assumindo a condição humana na encarnação, Jesus Cristo insere, de uma vez por todas uma dimensão transcendente na vida humana. O divino, já agora, em nossa história, atravessa nossa humanidade. Por isso, o que fere o ser humano, o que fere a criação, fere o Criador. Aceitar que Deus habita em nós, em nosso corpo, nos ajuda a ter uma maior integração entre nós e os demais seres humanos e toda obra criada por Deus. Há uma interação indissociável entre humanismo e transcendência como nos aponta o Papa Francisco:

A ecologia humana implica também algo de muito profundo que é indispensável para se poder criar um ambiente mais dignificante: a relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza. [...] A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum; pelo contrário, uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio sobre a criação. Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. Também é necessário ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Assim, é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus criador, e enriquecer-se mutuamente. Portanto, não é salutar um comportamento que pretenda “cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela” (LS, 155)

Em toda a sua trajetória a CF nunca abafou os exercícios quaresmais, nem se distanciou deles, ou esvaziou a cruz de Cristo, colocando outras coisas em seu

lugar. Antes sempre procurou ajudar a contemplar a pessoa de Cristo em seu mistério de paixão, morte e ressurreição, nas pessoas e realidades concretas por meio das quais a vida continua a ser negada. Cada CF é um apelo a reconhecer o Cristo crucificado nos irmãos sofredores, crucificado nas realidades que negam a vida e a dignidade às pessoas e que depredam a natureza agredindo o Criador. Fraternidade não é apenas um gesto caritativo facultativo, é uma categoria teológica imprescindível à fé genuinamente cristã e necessária à Salvação.

2 Fraternidade um processo de humanização e divinização

Em um estudo bem elaborado sobre a CF, Lisaneos Prates apresenta a fraternidade como uma categoria teológica vinculada ao Mistério Trinitário: “a semântica da fraternidade está vinculada ao Mistério de do Deus-Pai, ao Mistério do Deus-Filho-Irmão e ao Mistério do Deus-Espírito-Filial-Fraterno” (PRATES, 2007, p. 291). Uma vez que a Igreja é ícone do Mistério Trinitário, a fraternidade encontra-se intimamente vinculada à missão da Igreja e por isso ele a trata como “fraternidade libertadora”. Não existe Igreja, comunidade de irmãos na fé, sem fraternidade. A fraternidade é uma dimensão pela qual o ser humano se humaniza e se diviniza.

A fraternidade configura-se como um processo dinâmico de humanização e divinização. O desejo de fraternidade inscrito na constituição humana, expressa a dimensão antropológica na qual o ser humano é criado para ser irmão e, somente com os irmãos é capaz de humanizar-se, verdadeiramente. Esse desejo de fraternidade é dom de Deus que se apresenta como caminho de realização: “Do ponto de vista Téo-antropológico, podemos afirmar que a criatura humana é herdeira do próprio Mistério insondável do Deus-Pai, na configuração mesma do seu Mistério humano” (PRATES, 2007, p. 399). Em resumo, o que qualifica o ser humano enquanto tal é a fraternidade.

Por outro lado a fraternidade é um processo de divinização do ser humano. Este, na medida em que se cresce na fraternidade, mais recupera em si a sua semelhança ou sua identidade de Filho de Deus. “A ‘ordem do humano’ é o compromisso com a fraternidade que diviniza de forma humanizadora e humaniza de forma divinizadora” (PRATES, 2007, p. 420). Na perspectiva bíblica enquanto Caim (Gn 3) é a demonstração da quebra da fraternidade, a atitude que fere, mata e desconhece o irmão. Jesus Cristo é a concretização da fraternidade querida pelo

Pai. Nele todos somos feitos irmãos (cf. Mt 23,8). É no reconhecimento de um Pai comum que somos capazes de nos reconhecer como irmãos uns dos outros.

Jesus nos revela o Pai e nos abre à fraternidade. A vida de Jesus é toda fraternidade, desde a sua encarnação escolhendo nascer pobre entre os pobres, solidário aos últimos, até sua entrega definitiva na cruz por amor ao Reino, projeto de vida e de fraternidade para todos. Com a ressurreição se dá a vitória definitiva sobre tudo o que fere e quebra a fraternidade: a violência, a dor, a injustiça, a opressão. Onde há fraternidade, há presença de Deus. Querer uma quaresma sem CF é, no fundo, esvaziar o Mistério Pascal de Cristo. Não há redenção sem o exercício da fraternidade que liberta.

3 Fraternidade, o eixo do Mistério Pascal de Cristo

O Mistério Pascal de Cristo toca, afeta, toda a realidade: o homem todo e toda a humanidade. Toca também todas as coisas criadas por Deus. Nada escapa ao desígnio de Salvação de Deus. Nada está fora de seu plano de amor e de fraternidade universal. Por isso a fé cristã propõe uma caminhada de seguimento a Jesus Cristo: “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14,6). Esse caminho de seguimento é um apelo à conversão, que não é apenas conversão espiritual ou do coração, mas uma conversão total. Conversão pessoal, comunitária, social, ecológica, que implica uma vida toda guiada pelos desígnios do Pai manifestados em Jesus Cristo, deixando-se guiar pelo Espírito que nos faz verdadeiramente irmãos uns dos outros e da criação. Neste sentido, é preciso ter claro que a comunidade de fé, a Igreja é:

“um povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). É um povo convocado pelo Pai a caminho do Reino, que vive seu projeto de filiação e de fraternidade no seguimento de Jesus de Nazaré, fazendo contínua memória de seu mistério pascal, sob a força e a condução do Espírito Santo, Senhor e doador da vida. (CODINA, 2013, p. 468).

É o Espírito Santo que suscita essa conversão e esse apelo é para todos: clero e leigos, ricos e pobres, de direita ou de esquerda, progressistas ou conservadores. Todos somos chamados a nos converter ao Evangelho de Jesus de Nazaré e seu projeto de vida e fraternidade para todos. Este é o objetivo do Reino por Ele anunciado. Neste sentido conversão é expressão de superação de tudo o que fere a vida aí se dá o encontro da transcendência com o humanismo:

A libertação, em Cristo, aponta para uma autêntica transformação do ser humano, de qualquer forma de opressão ou dependência. Se, de fato, todo empenho de evangelização não tiver a meta de construção da fraternidade, para superar na história as aberrantes situações de injustiça, o testemunho da Igreja será enfraquecido. A questão agrava-se ainda mais em tempos de falência capitalista, numa busca desenfreada de definir o homem sem Deus, com pretensões de construir uma sociedade

sem a Palavra de Deus. Ao defender os pobres, busca-se uma legítima comunhão entre transcendência e imanência, entre história e escatologia, entre vida e fé (FERREIRA, 2017, p. 538).

Desta forma se evidencia que querer uma quaresma sem CF é o mesmo que amordaçar o Evangelho de Jesus, é esvaziar o projeto de Jesus de vida em abundância para todos. Mais ainda é esvaziar o sentido da entrega de Cristo na Cruz, pois implica em subtrair a fraternidade do Mistério Pascal de Cristo. Isto converteria a Cruz de Cristo, sinal de redenção de toda a humanidade, em um sacrifício cruento desprovido de amor e de solidariedade. Terminaria por transformar a Cruz de Cristo em uma idolatria, em um símbolo desprovido de unidade entre o humano e o transcendente. Neste sentido, a proposta de uma quaresma sem CF, na ânsia de abraçar o transcendente negando o dinamismo humano da história, acaba por esvaziar todo o sentido realmente transcendente. Pois só nos aproximamos de Deus na medida que o reconhecemos nos sofredores, só nos divinizamos na medida em que nos tornamos mais humanos. O que fazemos ou deixamos de fazer aos outros no plano humano tem uma dimensão de transcendência (cf. EG 179).

A CF é uma ferramenta de comunhão e de serviço à evangelização de uma Igreja de olhos abertos para a realidade e que procura desenvolver sua missão no mundo a exemplo do mestre Jesus. Também a Igreja, por meio da CF, através de palavras e ações testemunha a chegada do Reino convocando todos à conversão, na qual fraternidade é nada mais que a superação do individualismo reinante na sociedade e o reconhecimento de que somos todos irmãos. A comunidade de fé é o lugar de viver e de somar forças para construir a fraternidade sendo fermento, sal e luz do mundo.

Conclui-se que a Igreja é servidora dos mais pobres porque são eles as primeiras vítimas de uma sociedade marcada pelo individualismo. De modo que anunciar o Evangelho se faz no empenho ético de colocar em debate a proposta de um mundo mais fraterno. Não é imposição, porém serviço persuasivo. O amor a Deus e ao próximo resumem a mensagem de Jesus. E o Cristo é referência comum pela sua fraternal proposta de um amor que vence toda forma de violência e divisão. Assim, a Igreja deve tornar-se espaço privilegiado, concreto, de construção da fraternidade. (FERREIRA, 2017, p. 543).

Na espiritualidade genuinamente cristã, o rosto de Deus se dá a conhecer no rosto dos mais sofridos e o exercício da fraternidade é o que distingue se estamos no caminho do Reino ou na direção contrária a ele. A Cruz testemunha o gesto maior de doação de Jesus, a fraternidade elevada às últimas conseqüências. Querer celebrar o Mistério Pascal de Cristo sem a vivência concreta da fraternidade é

transformar a cruz e tudo o que a ela se liga: culto, celebrações, procissões, orações, etc. em ritos vazios, distantes de Deus, no fundo em atos de idolatria...

Na espiritualidade cristã, o encontro com Deus é um encontro com "o mundo de Deus", com seu projeto salvador para a humanidade sofrida. No olhar interior próprio da espiritualidade, os cristãos não apenas encontram a "face do Outro", mas também, e inseparavelmente, as faces sofridas de outros e de outros; vidas que nos desafiam e nos responsabilizam. Não existe uma experiência espiritual verdadeira que abstraia do sofrimento, ou seja dito de forma cristã: não existe uma experiência espiritual cristã que não integre a cruz como um momento constitutivo da mesma. Mas a cruz não é, por assim dizer, o "núcleo central" do cristianismo. – mas antes a ressurreição -, a cruz é um constante corretivo para todas as nossas falsificações do Transcendente (FLAQUER, IRIBARREN, p. 27-28).

Todos somos convocados a somar forças e não nos dividirmos entre nós. Os apelos contrários à CF enfraquecem a comunhão eclesial e a ação evangelizadora da Igreja. Não raro as idéias e convicções de grupos e movimentos se distanciam do Evangelho e geram conflitos dentro das comunidades e até perseguições que parecem “uma implacável caça às bruxas”. Não é sem motivo o apelo do convincente do Papa Francisco: “Não à guerra entre nós” (EG 100) e ainda: “não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!” (EG 101). Ele ainda reforça esta unidade entre humanismo e transcendência pelo veio da fraternidade no serviço de anúncio do Reino, como se propõe, neste caso, cada CF:

Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma «caridade por receita», uma série de ações destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência. A proposta é o *Reino de Deus* (cf. *Lc 4, 43*); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais. Procuremos o seu Reino: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo» (*Mt 6, 33*). O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai; por isso, pede aos seus discípulos: «Proclamai que o Reino do Céu está perto» (*Mt 10, 7*). (EG 180)

E para os que se posicionam contra a CF na ânsia de defender a doutrina, é preciso recordar mais uma vez as palavras de Francisco:

Não nos preocupemos só com não cair em erros doutrinários, mas também com ser fiéis a este caminho luminoso de vida e sabedoria. Porque «é frequente dirigir aos defensores da “ortodoxia” a acusação de passividade, de indulgência ou de cumplicidade culpáveis frente a situações intoleráveis de injustiça e de regimes políticos que mantêm estas situações» (EG 194).

Enfim termina por apontar os quatro princípios dos quais derivam os grandes postulados da Doutrina Social da Igreja e que servem de orientação para harmonizar as diferenças, favorecer um caminho de maior unidade na Igreja e de paz para o mundo: “O tempo é superior ao espaço” (EG 222-225); “A unidade prevalece sobre o

conflito” (EG 226-230); “A realidade é mais importante do que a idéia” (EG 231-233); “O todo é superior à parte” (EG 234-237).

Conclusão

O caminho percorrido evidencia que o acesso à transcendência se dá pela mediação e encontro dos irmãos na fraternidade. A CF tem articulado, com propriedade, humanismo e transcendência, levando a contemplar o Mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo nas paixões e situações de mortes concretas que ameaçam a vida humana e do planeta, propondo ações redentoras, eficazes para a Igreja e a sociedade. Recuperar o sentido da fraternidade como caminho para encontro com Deus nos irmãos levará a ter outra postura diante da CF que quer sinalizar o projeto do Reino de vida em abundância para todos. É preciso ouvir o que Espírito diz às Igrejas (Ap 3,22).

Referência Bibliográfica

CNBB. *Campanha da Fraternidade: vinte anos de serviço à Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1983. [Estudos da CNBB, n. 35].

_____. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo* (Mt 5,13-14). Brasília: Edições CNBB, 2016. [Documentos CNBB nº 105]

CODINA, Víctor. *Eclesiologia do Vaticano II. Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 45, n. 127, Set./Dez. 2013, p. 461-472.

FERREIRA, Vicente de Paula. *Cristã: por uma igreja a serviço dos mais pobres*. In: PRADA, Óscar Elizalde, HERMANO, Rosario e GARCÍA, Deysi Moreno, Edit. *Iglesia que camina con Espíritu y desde los pobres: Talleres y Comunicaciones Científicas*. Montevídeu: Ameríndia, 2017, p. 535-544.

FLAQUER, Jaume, IRIBARREN, Tere, Ed. *Dios en tiempos líquidos: Propuestas para una espiritualidad de la fraternidad*. Seminario Teológico de Cristianisme i Justícia.: *Cristianisme i Justícia*, n. 215, Barcelona, Set. 2019.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. [...] ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus / Loyola, 2013.

_____. *Carta Encíclica Laudato Sí* [...] Sobre o cuidado com a casa comum. São Paulo: Edições CNBB, 2015.

MIRANDA, Mário França. *É possível um sujeito eclesial?* *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, Ano 43, Nº 119, Jan/Abr 2011. p. 58.

PRATES, Lisaneos. *Fraternidade Libertadora: Uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade na Igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007.